

Sobre o dia em que estive na Cracolândia

Marcos Amaral

Esse texto é uma chuva de sensações, de compreensões que ainda estão desajustadas na minha cabeça.

Hoje (15/2) tinha uma manifestação marcada para acontecer na Cracolândia, que teria na verdade um caráter de debate sobre a truculência da Polícia do Estado de São Paulo na região no dia 23/1, após a prefeitura começar a trabalhar com o projeto "Braços Abertos".

Eu fui para a Cracolândia. Cheguei à estação Júlio Prestes da CPTM e perguntei a um funcionário onde ficava a Rua Helvetia, ponto de encontro dos manifestantes. Fazia algum tempo que eu não ia para aquela região, e para não ficar perdendo tempo andando até encontrar preferi perguntar. Quando fiz essa pergunta ele franziu a testa, me encarou nos olhos. Eu repeti a pergunta, e ele me forneceu a rota. O céu estava cinza e logo começou a garoar. Logo que vi o tempo pensei que não ia acontecer manifestação ou debate. Mas segui meu trajeto.

A rua fica do lado direito da estação. Eu me lembrei que geralmente vou para o lado da Santa Ifigênia, que aquele lado da rua marcada para o debate ou manifestação era mais frequentado por mim nos finais de semana da virada cultural. Logo que sai da estação um carro de polícia passou por mim, numa questão de minutos entrei na Helvétia e acho que compreendi a testa

franzida do homem que me forneceu a informação. No começo da rua tinha uma ambulância, que acredito ser do projeto da prefeitura. Era uma rua pequena, e havia alguns carros de polícia na rua. Estranhei a quantidade de carros de polícia e de policiais. Eu contei cinco carros. Fui andando pela rua, nenhum policial olhou para mim. Eu que, infelizmente e por uma série de motivos, tenho um pouco de medo de passar perto de policiais não senti nada. Eles não me olhavam. Continuei caminhando e no fim da rua encontrei garis, agentes comunitários de saúde (que contei serem quatro), do meu lado direito os usuários de drogas e do lado esquerdo pessoas comuns (sic) ao lado de religiosos, que no fim achei que fossem todos religiosos. Havia uma caixa de som, ouvi um "Meus irmãos". Depois ouvi um dos religiosos, dizendo a um homem "Eles sabem muita coisa, a gente pensa que eles não sabem nada, é nosso preconceito". Vi policiais se aproximando e senti medo. Ouvi os religiosos falarem entre eles "Pra onde nós vamos?".

Eu apenas observei, não consegui falar com ninguém, me esqueci do motivo de estar ali naquele momento. Só consegui observar e me encher de indagações. A rua parecia, uma única rua, um jogo de poderes. Tive a sensação que os usuários queriam ocupá-la, ficar ali. Os policiais não queriam deixar. Por mais sensacionalista que possa parecer, não con-

segui não pensar numa guerra, eu vi a prática da famosa "guerra às drogas". De um lado os policiais, com seus carros, suas armas de fogo, do outro, pessoas vulneráveis, cobertas com cobertores molhados, nitidamente frágeis. Os policiais de um lado, os usuários do outro. Os policiais cochichavam entre si, os usuários também, os religiosos também, os agentes comunitários também, cada um permaneceu no grupo que se identificava. Parecia que ninguém falava a mesma língua. E ninguém se importava com minha presença, naquele momento eu era invisível e os usuários estavam ali protagonizando.

Pensei na vontade boçal da sociedade (e do governo do Estado) de esconder e afastar os usuários de perto. Eu confesso, é muito difícil olhar. Faz mal pra quem vê. E me fez mal porque me senti, enquanto ser ativo de uma sociedade doente, responsável por aquilo que vi. Tentei compreender os motivos de tanta gente querer esconder os usuários, não ver, atastar, trancar...

Que todos nós usamos droga é uma verdade incontestável. Bebida alcoólica, cigarro, remédios... E se as pessoas refletissem um pouco, creio que o nosso uso particular poderia nos aproximar do ser humano que usa de forma abusiva o crack. Não, não é um absurdo... eu sei que cada droga tem um efeito diferente, uma forma de criar dependência particular, mas se todos nós usa-

mos droga isso nos aproxima, a todos, sem exceção. Mas, olhar para um usuário de crack e se identificar deve ser um absurdo. "Porque ele é sujo, feio, não se controla, ele é fraco". Sim, tanto quanto você, tanto quanto eu.

Tem uma frase do Bauman que eu gosto muito: "a partir do momento em que o outro me olha, sou responsável por ele", e nós não queremos ser responsáveis pelo usuário de droga. Porque na verdade não queremos ver o quanto somos frágeis, sensíveis, o quanto o nosso cobertor é molhado. É difícil olhar para si, dói, é mais fácil criticar o "feio" e afastá-lo, porque assim não olhamos o quanto horríveis nós somos.

Do mesmo jeito que temos potencialidades, os usuários também têm. Do mesmo jeito que tentamos nos superar, eles também tentam. Cada um lida com seus problemas de uma forma particular. A rua é de todo mundo e precisa ser ocupada. O uso abusivo precisa ser cuidado, mas sempre pensando na autonomia do sujeito. Você não tem autonomia? O outro também tem o direito de tê-la.

Enquanto olharmos para o outro sem nos identificarmos com ele, será difícil discutir qualquer política pública de saúde.

It para a Cracolândia me encheu de fôlego para lutar por uma sociedade mais justa, com indivíduos autônomos.

Marcos Amaral é estudante do 3º ano de Psicologia na PUC-SP.